



BILINGUISTO E IDENTIDADE: DUAS LÍNGUAS, DUAS IDENTIDADES?

Adriana de J. Scholtz (UNIOESTE)¹
drischoltz@gmail.com

Marcelo Jacó Krug (UFFS)²
marcelokrug@yahoo.de

RESUMO: Utilizando dados obtidos em pesquisa de campo realizada no ano de 2014 para dissertação de mestrado, este estudo parte da hipótese de que a língua é um dos principais aspectos de formação identitária do falante, mas não único. Além disso, levando, também, em consideração o contexto bilíngue da comunidade de Virmond, localizada na região centro-oeste do Paraná, classifica-se como objetivo principal para o presente trabalho evidenciar e analisar fatores linguísticos e extralinguísticos que fazem parte do processo de formação de identidade dos descendentes de poloneses desta comunidade. Buscamos, ainda, responder à seguinte questão: ao falar duas variedades, o falante passa a constituir duas identidades? Para tanto, utilizamos, a fim de embasar nossas discussões, a teoria da Dialetologia Pluridimensional e Relacional e a Sociolinguística. A partir das análises realizadas, foi possível concluir que os descendentes se identificam mais por se sentirem poloneses, por cultivarem os costumes religiosos, culturais e gastronômicos do que pela língua, ou seja, se identificam mais pelos fatores extralinguísticos. Além disso, são os descendentes mais velhos que mais se identificam com a origem étnica e que sabem a variedade polonesa, mas praticamente não a usam. Também são os mais velhos que se sentem mais como descendentes poloneses e destes, são as mulheres que mais sentem orgulho de pertencer à etnia e preservar a língua de imigração. Por fim, foi possível afirmar que a identidade é construída no decorrer das experiências vividas pelo falante e os descendentes constroem uma identidade ligada à origem étnica e outra ligada à nacionalidade.

PALAVRAS-CHAVE: Línguas de imigração. Identidade. Bilinguismo. Línguas em contato.

ABSTRACT: Using data obtained from field research conducted in the year 2014 for a master's thesis, this study starts from the hypothesis that language is one of the main aspects of identity formation of the speaker, but not unique. In addition, taking into account the bilingual context of the community of Virmond, located in the central-western region of Paraná, it is classified as main objective for the present work to evidence and analyze linguistic and extralinguistic factors that are part of the formation process of the descendants of Poles in this community. We also try to answer the following question: when speaking two varieties does the speaker become two identities? Therefore, we use, in order to base our discussions, the theory of Pluridimensional and Relational Dialectology and Sociolinguistics. From the analyzes carried out, it was possible to conclude that the descendants identify more because they feel Polish, because they cultivate the religious, cultural and gastronomic customs than by the language, that is, they are identified more by the extralinguistic factors. In addition, they are the oldest descendants who most identify with ethnic origin and who know the Polish variety, but practically do not use it. It is also the older people who feel more like Polish descendants and of these, are the women who are most proud

¹Graduada em Letras Português e suas literaturas pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) e doutoranda em Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).

²Graduado em Letras - Português Alemão pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, mestre em em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e doutor em em Filologia Românica pela Christian-Albrechts-Universität zu Kiel na Alemanha

to belong to the ethnic group and preserve the language of immigration. Finally, it was possible to affirm that the identity is constructed in the course of the experiences lived by the speaker and the descendants construct an identity linked to the ethnic origin and another linked to the nationality.

KEYWORDS: Languages of immigration. Identity. Bilingualism. Languages in contact.

1. Introdução

De acordo com Silva (2000), é possível reconhecer a criação de uma identidade a partir da relação estabelecida entre a língua e a própria formação identitária, o que faz com que esta seja contínua e dinâmica, iniciando-se no ambiente familiar e grupo social com o qual o sujeito interage e se estendendo a grupos maiores no decorrer de suas vivências, ou seja, a identidade não é fixa e estável, ela, assim como a língua, está em constante transformação.

No entanto, esta afirmação não é tão simples, é preciso levar em consideração que o processo de formação da identidade ainda é um tema bastante complexo e é mediado por diferentes fatores, os quais envolvem interações linguísticas, culturais e sócio-históricas dos indivíduos, assunto ainda mais complexo quando trata-se de bilíngues que, apesar de não dominarem a língua de imigração, se autodenominam como tais, como é o caso dos descendentes de poloneses da comunidade pesquisada.

Esta comunidade se encontra em uma situação que expressa uma concepção bastante diferenciada de bilinguismo, pois não há domínio completo da língua de imigração. No entanto, de acordo com Mackey (1968, p.09) a classificação destes falantes como bilíngues é possível, pois, segundo o estudioso, este fenômeno é compreendido como "uma característica individual que pode ocorrer em graus variáveis, desde uma competência mínima até o domínio completo de mais de uma língua, assim, para ser bilíngue, não é necessário dominar a língua em todas as suas modalidades, ou seja, fala, escrita, leitura e compreensão".

No entanto, apesar do pouco uso da língua de imigração nesta localidade, ainda é possível perceber uma influência linguística na formação da identidade destes descendentes, influência esta que se completa com a busca da preservação dos costumes e tradições culturais da etnia polonesa em Virmond. Signorini (2002), afirma que a



língua é um fator primordial para a formação identitária, já que os sujeitos são constituídos na e pela linguagem e, ao mesmo tempo que são individualizados pela sua fala, são integrados a determinados grupos étnicos pelo idioma.

Assim, nota-se que estes descendentes de poloneses são integrados ao seu grupo étnico e identificados, principalmente, pela fala, tanto pela comunidade em si quanto pelas pessoas "de fora", de outras cidades, pois possuem visíveis marcas linguísticas no seu sotaque, decorrente do contato do português com o polonês que os diferenciam dos habitantes das cidades vizinhas, os quais não tiveram contato com nenhuma língua de imigração.

Vale ressaltar ainda que em alguns casos, a formação da identidade e a afirmação de pertencimento à etnia polonesa é pouco relacionada à língua/fala desses descendentes e, por esse motivo, alguns deles, principalmente os mais jovens, buscam preservar e vincular sua identificação através de aspectos físicos e ícones culturais típicos de poloneses como, por exemplo, festividades, religião e culinária. Este fato ocorre porque, de acordo com os dados obtidos por meio de pesquisa de campo, a língua polonesa foi se perdendo de geração em geração.

Tendo tais concepções como ponto de partida e levando em consideração que o presente artigo apresenta resultados de uma pesquisa de campo realizada no ano de 2014 para dissertação de mestrado, classifica-se como objetivo principal analisar fatores linguísticos e extralinguísticos que fazem parte do processo de formação de identidade dos descendentes de poloneses. Além disso, tendo como aporte as teorias da Dialetologia Pluridimensional e Relacional e da Sociolinguística, busca-se responder à seguinte questão: ao falar duas variedades, o falante passa a constituir duas identidades? Para tentar responder esta questão temos como objetivos específicos: 1) identificar se a comunidade pesquisada tem a língua de imigração como principal fator de construção identitária; verificar em qual faixa etária há maior identificação com o grupo étnico; 3) analisar qual gênero (homem/mulher) têm mais orgulho de sua etnia e de sua língua de imigração;

2. Fundamentação Teórica

2.1 Língua e Identidade: Eu sou aquilo que eu falo

O processo de formação da identidade é um tema bastante complexo e é mediado por diferentes fatores que envolvem as interações linguísticas, culturais e sócio-históricas dos indivíduos. Dentre esses fatores destaca-se a língua, que se torna primordial para a formação identitária, uma vez que os sujeitos são constituídos na e pela linguagem e, ao mesmo tempo em que são individualizados pela sua fala, são integrados a determinados grupos étnicos pelo idioma (SIGNORINI, 2002).

Essa construção da identidade pela língua e pelo idioma vai ao encontro das considerações de Castilho (2010, p. 31), segundo o qual, “é na língua falada que se manifestam os traços mais profundos do que somos, de como pensamos o mundo, de como nos dirigimos ao outro”. No ato da fala expressam-se aos ouvintes indicações acerca das origens e do “tipo” étnico de cada pessoa, ou seja, a fala tende a demonstrar se o falante é jovem, conservador, urbano ou rural.

Ainda, segundo Castilho (2010), é pelas diferenças nos modos de falar que se pode identificar o lugar de onde o falante veio ou onde ele vive. Assim, as várias formas de falar que fazem parte de uma nação passam a ser diferenciadas e marcam os contrastes sociais, culturais e principalmente identitários dos falantes.

A esse respeito, em um de seus estudos sobre a identidade de falantes bilíngues do Rio Grande do Sul, Altenhofen (2000) observa que há uma duplicidade de sentido quanto à alternância de fala entre bilíngues, pois eles podem usar sua fala tanto para se solidarizar e se identificar com um determinado grupo étnico quanto para mostrar que possuem competência para utilizar a língua de imigração e mostrar proficiência também no português, língua oficial do Brasil.

De acordo com Hall (2000), o sujeito constrói diferentes identificações pela linguagem e, da mesma forma que a língua, a identidade está em um constante processo de construção e reformulação, com isso, dependendo do momento, o sujeito assume diferentes identidades de tal modo que elas são deslocadas continuamente.

Da mesma forma, Damke afirma:



Falar em identidade e relacioná-la a língua é ser individual, mas ao mesmo tempo ser também coletivo [...] Não se pode falar em língua, variação linguística, sem que esteja ligada à identidade do próprio falante. Por outro lado, também não é possível falar em construção do sujeito ou da identidade do indivíduo, sem se falar também da identidade étnica, do aspecto cultural, e portanto também, da própria identidade linguística. (DAMKE, 1998, p. 19).

Pode-se identificar, portanto, uma estreita ligação entre a identidade e a língua e o processo de identificação é “resultado de atos de criação linguística [...], nós que fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais, as identidades pelos atos de linguagem” (SILVA, 2011, p. 76), ou seja, ela não “nasce” com o indivíduo e não existe simplesmente como se fosse um elemento da natureza, ela precisa ser e é constantemente construída.

Na mesma direção, Rajagopalan destaca que um “indivíduo constrói uma identidade na e através da língua e que por esse motivo, não é possível haver uma identidade fixa, anterior e fora dos atos linguísticos” (RAJAGOPALAN, 1998, p. 41). Além disso, ainda é preciso analisar o contexto no qual os usos linguísticos e os interlocutores estão inseridos, pois esse fator também possui influência na formação das identidades, tanto linguísticas quanto sociais.

Analisar tais contextos de uso da língua fazem, dessa forma, com que seja possível afirmar que a identidade e a diferença são relações sociais que vão se moldando no decorrer do tempo de acordo com os contextos em que as pessoas estão inseridas, ou seja, a afirmação identitária ou de diferença é traduzida pelo desejo, de distintos grupos sociais e étnicos, de garantir prestígio a si mesmos.

Dentro dessas relações, também podem ser citadas outras tantas marcas da presença de poder que tendem a incluir/excluir, demarcar fronteiras entre o “nós” e “eles”, classificar os “bons” e os “ruins”, marcas que podem ser compreendidas como atos de divisão, ordenação e atribuição de prestígio ou desprestígio a diferentes grupos (SILVA, 2000).

Ainda conforme Silva (2000), nesse desequilíbrio chamado “política da identidade”, percebe-se, cada vez mais, que os grupos sociais e culturais desprestigiados passam também a reivindicar o seu direito à representação, questionando o caráter de



normalidade das identidades dominantes. A partir desse posicionamento há uma espécie de “consciência” por parte do indivíduo de que ele pertence a um grupo minoritário e mesmo assim, ele se identifica como tal, nesse caso, há uma afirmação identitária que “rompe” com a tentativa de apagamento das diferenças, realizada pela “maioria” da sociedade.

Essa afirmação identitária, no caso dos imigrantes do município de Virmond é percebida pela busca significativa de manutenção linguística e étnica que se dá por meio da gastronomia, da arquitetura, da economia e das atividades folclóricas, as quais passaram a ser o suporte da busca pela manutenção da língua e da afirmação de pertencimento à etnia polonesa. Vale ressaltar que os descendentes possuem consciência de que pertencem a um grupo minoritário, o qual nem sempre é prestigiado, mas, mesmo assim, se autoafirmam como tais.

Com isso, é possível observar que existem muitos aspectos que devem ser levados em consideração no estudo da identidade e na relação existente entre a formação identitária dos indivíduos e a língua falada por eles em um contexto social específico. Assim, do mesmo modo que a identidade, a língua possui aspectos instáveis e estáveis e ambos vão se constituindo como um sistema variável e não fixo e por esse motivo, língua e identidade não podem ser estudadas separadamente.

2.2 O bilinguismo de Virmond

A comunidade de Virmond possui uma situação diferente de bilinguismo, pois os descendentes não possuem domínio completo da língua de imigração. Por isso, se faz necessário “classificar” o bilinguismo existente nesta comunidade. Para essa classificação, levamos em consideração os estudos de Mackey (1972), Grosjean (1994), Heye (2003), Skutnabb-Kangas (1981), Fischman (1972), dentre outros estudiosos que realizam pesquisas sobre o bilinguismo e as diferentes competências linguísticas do falante.

Conforme observações e anotações do caderno de campo (realizadas no ano de 2014), é possível perceber que a comunidade de descendentes de poloneses do



município de Virmond pouco usa a língua polonesa nas suas interações, ficando este uso mais restrito ao ambiente familiar. Nota-se ainda que os poucos que ainda dominam a variedade são os descendentes mais velhos. Já as gerações mais novas compreendem razoavelmente a linguagem polonesa, sendo poucos os jovens que falam a língua de imigração.

Este “modelo” de bilinguismo é conceituado por Dabène (1998), como passivo. Para ele, é bilíngue passivo o indivíduo que domina uma das línguas apenas no nível da compreensão, mas que não possui “capacidade” para utilizá-la em outras modalidades como escrita e fala. Um bilíngue passivo é, nesse caso, uma pessoa que teve exposição suficiente em uma segunda língua a ponto de conseguir compreendê-la, mas que exerce pouco ou nenhum comando ativo da variedade. Assim, o falante entende uma segunda língua, mas não a fala.

Esse pouco contato ativo com polônês que aconteceu de geração para geração e que tende a desaparecer com o passar dos anos, pode ser explicado, de acordo com Ogliari (1999), pelo fato de que essa imigração de poloneses, apesar de ser expressiva, foi se deparando com a necessidade de aprender o português, “língua majoritária” do país para que pudessem ser ativos em todos os ambientes da sociedade, o que foi se transformando em um fator de substituição linguística.

Além disso, outras questões contribuíram para o apagamento e substituição da língua polonesa na cidade de Virmond, dentre eles, os fatores sociais e comportamentais. As políticas linguísticas do Estado Novo também tiveram forte influência para o “abandono” da língua polonesa. As causas sociais envolvem questões como prestígio ou estigmatização de uma língua minoritária na sociedade, o que pode levar os falantes a mantê-la ou abandoná-la. Nesse caso, a língua polonesa não foi se perdendo por questões de estigmatização, mas pela imposição da língua portuguesa.

Por conta dessa imposição, foram poucas as famílias que ensinaram a língua polonesa para as novas gerações. Além disso, apesar de as primeiras escolas praticarem o ensino do polônês, essa metodologia de ensino também foi sendo substituída, principalmente a partir da consolidação da Política Linguística do Estado Novo, que

exigia que os imigrantes utilizassem a língua portuguesa como principal meio de comunicação entre os grupos (VIANA, 1991).

Apesar desse apagamento, há pouco tempo houve uma tentativa de manutenção linguística por parte da escola que implantou aulas de polonês uma vez por semana no calendário escolar, sendo que o pároco da cidade era o professor. Nos dias atuais, essa prática de ensino já não é mais realizada, porém, um grupo de descendentes de poloneses passou a buscar essa manutenção por meio da igreja. Com isso, uma vez por semana, as celebrações religiosas ficam a cargo desse grupo que, juntamente com o padre, cantam e rezam na língua polonesa.

Essa motivação (ou falta de motivação) que parte do grupo étnico para falar a língua minoritária e a quantidade de falantes que desejam aprender essa variedade, de acordo com Fishman (1972), está diretamente ligada à manutenção ou substituição da língua. Entretanto, ainda conforme o autor, é essencial saber que são muitos e complexos os processos que podem determinar o uso ou o abandono de uma língua minoritária, mas, levando em consideração vários estudos sociolinguistas, pode-se afirmar que a sobrevivência de uma língua depende em grande medida do desejo, por parte de seus falantes, de mantê-la e de passá-la para as próximas gerações.

Essa ligação de um grupo étnico com sua língua também é um dos principais aspectos de formação identitária e, pelo fato de haver duas línguas que são utilizadas, mesmo que de maneira passiva, no dia a dia desse falante surgem questionamentos sobre a ligação entre cada uma dessas línguas com a identidade desses indivíduos. Dessa forma, se o falante faz uso de duas línguas, torna-se necessário analisar se ele também possui duas identidades. Esse estudo é realizado a seguir.

2.3 Bilinguismo e identidade: duas línguas, duas identidades?

Partindo da hipótese de que a língua é um dos principais aspectos de formação identitária do falante e levando em consideração o contexto bilíngue da comunidade de Virmond, a pergunta que se coloca é: ao falar duas variedades, o falante passa a constituir duas identidades?

A resposta para essa questão, considerando o conceito de identidade exposto anteriormente (v.2.1), não pode ser categórica, mas, pode-se afirmar que, como a identidade vem sendo construída pelo falante no decorrer de suas experiências, tanto sociais quanto linguísticas, ele pode construir identificações que se diferenciam conforme a língua que ele utiliza.

De acordo com Hall (2000), o falante de duas variedades linguísticas, também é constituído por diferentes identidades, pois não há uma identidade fixa e é o falante que fabrica e a constitui de forma inconsciente pelos atos de sua linguagem e de acordo o contexto em que se inserem suas relações culturais e sociais.

No entanto, de acordo com Krug (2004), essas questões identitárias exigem que os aspectos linguísticos que fazem com que um indivíduo seja classificado como bilíngue e as relações estabelecidas entre as línguas em contato sejam analisadas de maneira mais sucinta.

Dessa forma, no caso desta pesquisa, há um contato linguístico entre o português e o polonês no município de Virmond, o que evidencia que este grupo possui características que o diferencia dos grupos majoritários, principalmente no que diz respeito à sua língua de imigração e a preservação de seus costumes linguísticos e culturais, permitindo que seja classificado como bilíngue.

Ao classificar esse grupo como bilíngue, leva-se em consideração a definição de bilinguismo feita por Mackey (1972), evidenciada no subtítulo 2.2 deste estudo. De acordo com essa definição, não é necessário que o falante possua domínio da língua em todas as suas modalidades, por isso, apesar de a língua de imigração da comunidade analisada ser pouco utilizada pelos falantes em suas interações sociais, ela provoca nos indivíduos, descendentes de poloneses, sentimentos identitários diferenciados e que estão em constante transformação.

Essa transformação identitária é tratada por Hall (2000), que acredita que pela linguagem, o indivíduo passa a assumir diferentes identidades num contínuo processo de construção e reformulação. Assim, por ser integrante de grupos minoritários, a identidade dos descendentes de poloneses pode estar ligada a questões de prestígio ou estigmatização, sendo transformada de acordo com a percepção que o falante possui de



si mesmo e sua variedade ou ainda, pela atribuição de prestígio ou desprestígio feita pela sociedade.

Nesse sentido, as identidades podem ser, tanto positivas quanto negativas, dependendo dos sentimentos dos indivíduos diante de sua variedade e de sua origem étnica. Entretanto, no caso da comunidade pesquisada, há uma busca significativa de manutenção da língua de imigração e os falantes têm consciência de que pertencem a um grupo minoritário. Os indivíduos pertencentes a essa comunidade bilíngue identificam-se como sendo diferentes, em termos linguísticos e culturais e reivindicam o seu direito à representação.

Com isso, **constituem sua identidade como sendo poloneses** ao utilizarem a variedade minoritária com os demais integrantes de seu grupo étnico **e como brasileiros** ao utilizarem o português para a comunicação com os demais indivíduos da sociedade que não possuem a mesma origem étnica, ou seja, **possuem duas identidades**.

3. Análise dos dados

Como já exposto anteriormente, este artigo é um recorte da dissertação de mestrado intitulada "Identidade e comportamento linguístico nas comunidades de Virmond e Candói, no Paraná" de 2014 e utiliza dados coletados em pesquisa de campo realizada para tal estudo.

Visando atingir ao objetivo proposto, a escolha dos informantes se deu com base na teoria da Dialetologia Pluridimensional que de acordo com Radtke e Thun (1996, p. 41) permite incluir áreas de investigação onde diferentes línguas são postas em contato a fim de “[...] documentar não somente a coexistência de língua e variedades, mas também a mútua influência que exercem umas sobre as outras”.

Assim, primeiro observou-se as variáveis gênero e localização geográfica, ou seja, os informantes deveriam residir na comunidade selecionada para pesquisa não sendo levado em consideração se residiam em áreas rurais ou urbanas. Os dados desta



pesquisa compõem um mapa pluridimensional, conforme proposto por Thun (1998), que organiza esse mapa a partir da introdução de diferenças entre os grupos de informantes que resultam em quatro grupos standard definidos por critérios socioculturais ou de escolaridade formal (diatráticos), localização geográfica (diatópico), pela faixa etária (diageracional), pelo gênero (generacional). Utilizou-se então, para identificar os entrevistados, fatores como gênero, F para mulher e M para homens, classe social - considerada a partir do grau de escolaridade, sendo Ca, para classe alta e, Cb, para classe baixa - e faixa etária, sendo GII a geração mais velha, acima de 55 anos e GI, a geração mais nova, de 18 a 36 anos.

Além dos critérios da Dialetologia Pluridimensional, ainda fez-se uma seleção dos informantes a partir do critério diafamiliar, ou seja, selecionou-se informantes da mesma família como, por exemplo, o pai/mãe e o filho/filha para analisar como a língua de imigração é falada e vista por ambas as gerações e para verificar as influências desta na formação identitárias desses falantes.

A coleta de dados foi feita com base em um questionário metalinguístico composto por um conjunto de perguntas relacionadas aos modos de como as pessoas se identificam através de sua etnia e de sua língua e qual a percepção que os poloneses têm sobre sua própria identidade. Também foram usados, como recursos de coleta de dados, gravações de áudio, relatos dos informantes e diários de campo que permitem coletar informações que não são captadas pelo gravador.

Utilizando tal metodologia e tais dados, este estudo tem a intenção de expor resultados que permitiram identificar e analisar os fatores linguísticos e extralinguísticos que fazem parte do processo de formação de identidade dos descendentes de poloneses. Neste sentido, faz-se necessário expor a concepção dos entrevistados sobre o uso da língua de imigração.

Pode-se notar que em Virmond, de um total de oito informantes, cinco afirmam que sabem falar e ler em polonês e, na modalidade escrita, apenas dois afirmam saber escrever na língua polonesa. Apesar de ser evidente que a língua polonesa foi se perdendo de geração em geração, todos os entrevistados (8) se reconhecem como poloneses e, até mesmo os mais jovens que não aprenderam falar a língua, salientam sua

importância para o município e dizem que ela deveria ser aprendida por todos para que a cultura linguística pudesse ser mantida e para que o polonês não desaparecesse uma vez que, como eles mesmos citam, existe ou existiam oportunidades de aprender.

A identificação desses informantes como poloneses também ocorre de fora para dentro, ou seja, as pessoas dos municípios vizinhos, que não são da mesma descendência também os identificam como "polacos", termo, muitas vezes, pejorativo, mas que, nos dias atuais, não possui tanta influência sobre o grupo uma vez que eles, apesar de saberem que são uma minoria na sociedade, sentem orgulho de sua origem e buscam, em diversos fatores, a manutenção da etnia.

Esse sentimento e essa identificação como poloneses pode ser notado nos relatos de cinco dos oito informantes que afirmam que se sentem um pouco poloneses e um pouco brasileiros, ou seja, se identificam como sendo brasileiros e poloneses ao mesmo tempo. Esse sentimento de pertencer às duas etnias demonstra que os descendentes de poloneses ainda estão construindo suas identidades e se afirmam poloneses por causa da língua, da cultura e como uma forma de cultivar sua origem e, ao dizer que também se sentem brasileiros, percebe-se que estão se referindo à terra onde vivem, como pode-se notar nos relatos a seguir.

Eu sou polonês porque falo polonês, porque meus pais eram poloneses também e sou brasileiro porque vivo no Brasil, falo a língua brasileira também, então me sinto um pouco de cada um (CaGII M).

Eu me sinto as duas coisas, tanto polonesa quanto brasileira (CaGI F).

Mas sabe, eu me considero um brasileiro porque nasci no Brasil, vivo no Brasil, falo português, mas também me sinto um pouco polonês (CaGI M).

Digamos que eu sou um brasileiro polonês (risos), tenho origem polonesa, falo e entendo polonês, mas moro no Brasil, então sou brasileiro e polonês (CbGII M).

Acho que a gente é um pouco dos dois né. Polonês por causa dos pais né, da origem da gente mesmo e brasileiro porque a gente vive no Brasil, não tem como dizer que não é (CbGI F).

O que se nota nas respostas dos cinco informantes é que, indiferentemente de classe social, idade ou gênero, todos se sentem de alguma forma poloneses e brasileiros ao mesmo tempo. Esse sentimento e essa identificação como poloneses é feito, pela maioria dos entrevistados, a partir da origem étnica dos pais e do uso da língua polonesa, porém, o fato de viver no Brasil faz com que também se sintam brasileiros.

Estes relatos comprovam as considerações de Seyferth (1982 *apud* Altenhofen, 2004) que afirma que os descendentes de imigrantes buscam uma forma de conciliar nacionalidade e uso linguístico, identificando-se a partir dessa conciliação como pertencentes a duas etnias, ou seja, possuem dupla identidade o que, mais uma vez, responde à questão proposta no início deste estudo.

Diferentemente desses cinco informantes, o CbGI M afirma se sentir mais brasileiro porque ele nasceu no Brasil, fala só português e de polonês só tem a descendência, compreendendo algumas poucas coisas da língua, o que, segundo ele, não o torna um polonês. Assim, o descendente constrói sua identidade a partir do país em que nasceu e, principalmente, a partir da língua que fala, o que de acordo com Castilho (2010), é um dos traços mais profundos do que somos e de como pensamos o mundo, ou seja, é a partir da língua falada que se constrói a identidade de um indivíduo ou de um povo. Já as informantes mulheres da GII dizem se sentir mais polonesas do que brasileiras e essa identificação, no caso da CaGII F é feita a partir das suas características físicas e do “sangue”, ou seja, da origem.

Acho que até a minha cara é de polaca né, não dá pra negar a raça (gargalhadas) por mais que eu tenha crescido no Brasil, eu me acho mais polonesa do que brasileira, eu acho que o sangue é polonês mesmo (CaGII F).

Pus agora você me pegou... (fica pensativa), eu me sinto polonesa, a gente mora no Brasil, mas é polonesa né (CbGII F).

Como pode-se notar, as duas informantes da GII dizem que se sentem mais polonesas do que brasileiras, mas nenhuma delas atribui essa identificação à língua que falam. A descendente CbGII F não explica o porquê se sente mais polonesa do que brasileira, mas assim como a maioria dos informantes, reconhece que mora no Brasil, o



que não muda sua concepção pois, mesmo assim, se sente uma polonesa. Já a informante CaGII F atribui esse sentimento às suas características físicas quando diz que até mesmo sua cara já a identifica como uma “polaca”, ela se refere às suas características físicas, ou seja, a pele, os olhos e o cabelos claros, o que, segundo a informante, não deixa que ela negue a raça e o sangue polonês.

Um fato bastante interessante nas respostas desses entrevistados é que somente as mulheres da GII se sentem mais polonesas do que brasileiras, o que não ocorre com nenhum jovem e também com nenhum homem. Nesse caso, pode-se dizer que as mulheres mais velhas são as que mais se identificam como polonesas nessa comunidade.

Além disso, essas duas informantes que se identificam mais como polonesas do que brasileiras reforçam essa afirmação quando respondem que torceriam para a seleção polonesa caso ela fosse jogar contra a seleção brasileira. A informante CaGII F ainda frisa “toda vida eu torcia pela Polônia, *a gente respeita o Brasil, torce por ele né, mas dai quando é com a Polônia, o coração fala mais alto, eu torço pro meu povo*”. Essa expressão “torço pro meu povo” que a CaGII F utiliza para se referir à Polônia demonstra uma questão bastante interessante que é uma identificação com um povo que diz ser seu, mas que nunca chegou a conhecer pessoalmente, ou seja, nunca foi até a Polônia e, mesmo assim, se mostra patriota e se classifica como pertencente a esse país.

Essa afirmação de pertencer a um país que nem mesmo conhece revela um falso saudosismo de um local que, de acordo com Dreher (2009), é reconstruído de uma forma “romântica”, “idealizada”. Esse tipo de saudosismo contribui para que imigrantes ou descendentes de imigrantes reconstruam a sua identidade em cima **de ideais forjados** por eles mesmos, como é o caso da informante CaGII F.

Da mesma forma, a CbGII F diz que torce para a seleção brasileira sempre que ela joga com outros times, mas quando o jogo é entre Brasil e Polônia, acaba torcendo para a seleção polonesa sem nem perceber. “*As vezes a gente tá assistindo e sem perceber, fica contente quando a Polônia faz gol no Brasil, não é que torço contra o Brasil, mas acontece (risos)*”.

O fato de a informante se afirmar como polonesa, mas torcer para a seleção brasileira em algumas situações demonstra que a identidade dos descendentes de poloneses de Virmond ainda está em constante construção e dependendo da situação, como pode-se notar na resposta da CbGII F, eles assumem diferentes identidades. Essa construção identitária que é sempre reformulada e está em constante processo de construção é defendida por Hall (2000) que afirma que o sujeito constrói, reformula e assume diferentes identidades dependendo do momento e da situação em que se encontram e assim, segundo esse estudioso, as identidades são deslocadas continuamente.

Com isso, no caso das duas informantes da GII que afirmam torcer para a seleção polonesa quando ela está jogando com o Brasil, mas que por outro lado, torcem para o Brasil quando ele joga com outros times assumem diferentes identidades de acordo com cada situação, sendo “brasileiras” e “polonesas” conforme os momentos que estão vivenciando. Já os outros informantes demonstram opiniões diferentes das duas descendentes da GII, pois os seis dizem que torcem para a seleção brasileira independente do adversário, pois, segundo eles, essa seleção representa o país em que eles vivem. Além disso, ao contrário da CaGII F e CbGII F, esses informantes dizem que até torcem para a seleção polonesa, mas somente se ela não estiver jogando contra a seleção brasileira.

Com certeza eu torço para o Brasil né, afinal de contas, nós vivemos no Brasil e essa seleção representa o país (CaGII M).

A gente torce pra Polônia em segundo lugar, mas em primeiro torce pro Brasil né. O bom é que quando dá empate a gente fica feliz também (risos)(CaGI F).

Eu até torço para a Polônia, mas quando o jogo é entre Brasil e Polônia, daí eu torço para o Brasil (CbGI M).

Depois do Brasil, eu torço para a Polônia que é o nosso país de origem né, mas se as duas seleções forem jogar junto, daí torço pro Brasil, a gente mora no Brasil né, tem que torcer pro Brasil também (CbGI F).

Fica evidente que os informantes torcem para a seleção polonesa, mas quando a adversária é a seleção brasileira, torcem para a segunda porque esta representa o país onde eles vivem. Por outro lado, quando a informante CaGI F diz que se sente feliz quando as duas seleções empatam, acaba revelando também uma “identificação” com a seleção polonesa e por isso, o fato de nenhuma perder é um motivo de alegria. Essas respostas revelam que os informantes também se identificam como poloneses quando afirmam que, depois do Brasil, torcem para a seleção da Polônia que é o seu país de origem.

Ainda buscando identificar quais os principais padrões que levam os descendentes de Virmond a se afirmarem como poloneses ou até mesmo como diferentes das pessoas pertencentes a outros grupos étnicos, foram levantados também dados a partir de questões que interpelavam os informantes sobre sua identificação, sobre os motivos que os levam a identificar-se como poloneses e quais as diferenças existentes entre um descendente de polonês e uma pessoa que não pertence a esse grupo étnico.

As respostas para essa questão foram, em sua maioria, referentes às características físicas dos descendentes de poloneses de Virmond e a partir da língua falada por essas pessoas.

O que identifica o polonês típico daqui?	CaGII		CaGI		CbGII		CbGI	
	M	F	M	F	M	F	M	F
O jeito de falar	x			x	x	x	x	x
O modo de se vestir	x							
Religiosidade		x						
Sotaque			x					
Cor do cabelo e dos olhos						x		x
Pele clara			x			x		x

Tabela retirada da dissertação de mestrado intitulada "Identidade e comportamento linguístico nas comunidades de Virmond e Candói, no Paraná"(2014).

A maioria dos informantes, como pode-se notar, atribui ao jeito de falar, uma das principais características que identificam o polonês de Virmond. Já quando a

pergunta é referente à forma com que o brasileiro é identificado, as respostas divergem bastante, alguns dizem que os brasileiros se diferenciam pela cor da pele e do cabelo, outros dizem que é pela religiosidade e pela culinária, outros, pela cultura.

Ainda buscando identificar fatores linguísticos e extralinguísticos que fazem parte do processo de formação de identidade desse grupo étnico, foi feito um levantamento dos principais ícones que constroem a identidade dos descendentes de poloneses de Virmond e o que fica evidente é que essa identificação feita por eles mesmos não se relaciona à língua polonesa em si, mas a algumas características do polonês presentes no português desses descendentes, aos aspectos culturais, às tradições religiosas e culinárias, às características físicas e ao folclore, como pode-se notar no quadro a seguir.

Se fosse dizer o que mais identifica um polonês, diria que é o que?	CaGH		CaGI		CbGH		CbGI	
	M	F	M	F	M	F	M	F
Suas características físicas		X			X	X	X	X
Sua casa								
Suas festas		X	X				X	
Seus sobrenomes	X	X	X	X	X	X	X	X
Sua música						X		X
Sua culinária	X		X		X	X		X
Seu jeito de ser	X	X			X		X	X
Sua língua		X						
Seus hábitos linguísticos	X			X	X		X	
Suas danças	X		X	X				
Suas tradições		X	X	X	X	X		X

Sua religião		x						x
--------------	--	---	--	--	--	--	--	---

Fonte: SCHOLTZ, 2014.

Conforme pode ser notado no quadro acima, apenas três informantes, ambos da Ca afirmam que é não é possível identificar um polonês pelas características físicas, pois segundo eles, com a miscigenação de raças, muitos indivíduos de origem polonesa já não possuem mais as mesmas características como a pele, os olhos e os cabelos claros e, em Virmond, isso não é diferente.

O que se percebe, também, é que três informantes dizem que os poloneses são identificados pelas suas festas e todos os descendentes de poloneses afirmam que o sobrenome das pessoas é um dos principais identificadores da etnia a que pertencem, principalmente os sobrenomes poloneses que possuem muitas consoantes e poucas vogais como Czczem, Orzechowski, Michalowski, dentre outros. Além disso, duas informantes dizem que a música polonesa também é um dos fatores que identificam os poloneses de Virmond.

A culinária polonesa também se destacou nas respostas dos informantes que dizem que, diferentemente dos brasileiros, os poloneses possuem pratos que são típicos da cultura étnica desse povo como o pirogue, a sopa azeda, a broa de milho, dentre outros pratos que são servidos no município de Virmond em festas organizadas pelos descendentes de poloneses. Os informantes CaGII M, CaGII F, CbGII M, CbGI M e CbGII F também acreditam que o jeito de ser dos descendentes de poloneses faz com que eles se diferenciem dos brasileiros ou pessoas pertencentes a outras etnias.

Com relação à língua, apenas uma informante afirma que é a partir do uso que fazem da língua que os descendentes de poloneses são identificados e os informantes CaGII M, CbGII M, CbGII F e CbGI F acreditam que não é a língua, ou seja, o uso do polonês que identifica os descendentes de poloneses de Virmond e sim algumas características de seus hábitos linguísticos que podem ter a interferência do polonês, principalmente no sotaque e modo de falar. As danças, as tradições e a religião também são citadas como construtoras da identidade de um polonês em Virmond.

Assim, percebe-se nessa comunidade étnica que a identidade dos descendentes de poloneses não se constitui propriamente pela língua polonesa, pois como pode-se notar, a maioria dos descendentes já não fala o polonês, mas sim por alguns ícones da cultura que esse povo tenta preservar como a culinária, a religião, as danças típicas, que pode ser representada pelo grupo folclórico Maly Polaci e, até mesmo, pelas celebrações festivas organizadas pelo grupo BRASPOL.

É possível perceber, assim, que os informantes de Virmond se autoafirmam como poloneses sem utilizar o polonês na maioria dos contextos de interação social e sem dominar a língua de imigração em todas as modalidades, mas se reconhecem e constroem sua identidade linguística a partir de fenômenos linguísticos do português, ou seja, a partir das diferenças existentes no sotaque e na pronúncia de algumas palavras e da preservação da cultura polonesa que é expressada a partir de fatores extralinguísticos como: culinária, festas, danças, religião e modo de ser do grupo étnico polonês de Virmond.

Considerações finais

Tendo como aporte as teorias e a metodologia da Dialetologia Pluridimensional este estudo visou investigar e analisar os fatores linguísticos e extralinguísticos que fazem parte do processo de formação da identidade dos descendentes de poloneses de Virmond, comunidade que se autodenomina bilíngue (português/polonês), mas que na prática quase não utiliza a variedade minoritária nas suas interações sociais e mesmo assim se reconhece (e é reconhecida) como bilíngue.

Para tanto, foram realizadas análises a partir dos objetivos estabelecidos para o presente estudo. Os resultados alcançados a partir dessas análises são:

a) Os informantes de Virmond se identificam como descendentes de poloneses mais por se sentirem como descendentes de tais e pelos costumes étnicos e culturais que ainda cultivam e não exatamente pela língua.

b) O grupo que mais se identifica com a origem étnica são os descendentes mais velhos que sabem a variedade polonesa, mas praticamente não a usam.

c) Também são os mais velhos que se identificam mais como descendentes poloneses e destes, são as mulheres que mais se identificam e sentem orgulho de pertencer à etnia e preservar a língua de imigração.

No decorrer deste trabalho também levantamos uma questão sobre a formação identitária de um falante que utiliza duas variedades para se comunicar, ou seja, ao falar duas variedades o falante passa a constituir duas identidades? Levando em consideração não só o aporte teórico que sustenta este trabalho, mas também os dados coletados na comunidade bilíngue, é possível afirmar que a identidade é construída no decorrer das experiências vividas pelo falante e os descendentes constroem uma identidade ligada à origem étnica e outra ligada à nacionalidade.

Apesar de, no momento da pesquisa, ser possível afirmar que eles possuem duas identidades, esta realidade não é fixa, pois a identidade destes descendentes está em constante mudança e à medida que se inserem em diferentes contextos e passam a se relacionar com culturas e pessoas diferentes, também vão constituindo novas identidades.

Essa afirmação também permite responder à pergunta que orienta este estudo, pois a formação da identidade linguística das comunidades de Virmond, onde os descendentes se autodenominam bilíngues, mas praticamente não utilizam a língua de imigração nas suas interações sociais se constitui principalmente a partir da afirmação e da identificação como descendentes e não exatamente pelo uso da língua ucraniana/polonesa. Além disso, os descendentes de poloneses também se identificam e são identificados pelas suas atividades culturais como as festas, a culinária e a religião, ou seja, pelos fatores externos à língua, extralinguísticos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTENHOFEN, Cleo Vilson: O português em contato com as línguas de imigrantes no Sul do Brasil. In GÄRTNER, Eberhard; HUNDT, Christine & SCHÖNBERGER, Axel



(eds.). **Estudos de geolinguística do português americano**. Frankfurt a. M.: TFM, 2000, p. 79-83

CASTILHO, A. T. de. **Nova gramática da língua portuguesa**. São Paulo: Contexto, 2010.

DABÈNE, L. Repères sociolinguistiques pour L'enseignement des langues. Les situations plurilingues. Paris, Hachette, 1994. In: SIGNORINI, I. (orgs). **Língua(gem) e Identidade**: elementos para um discussão no campo aplicado. Campinas-SP: Mercado de Letras, 1998.

DREHER, M. **Família, Morte e Sentimentos** – Reflexões sobre História Social na Alemanha posterior à Reforma e suas evidências nas áreas de imigração do Rio Grande do Sul. 2009.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu Silva: DP&A Editora. 7. ed. São Paulo, 2000.

KRUG, M. J. **Identidade e comportamento linguístico na percepção da comunidade plurilíngue alemão-italiano-português de Imigrante-Rs**. 131p. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

MACKEY, W. F. The Description of Bilingualism. In: FISHMAN, J. (ed.) **Readings in the Sociology of Language**. The Hague: Mouton, 1968, p. 554-584.

_____. **Bilingual Education in a Binational School**. Rowley, MA: Newbury House, 1972.

RADTKE, E. & THUN, H. Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur Empirischen Dialektologie (Heidelberg/Mainz, 1991). In: RADTKE, E.; THUN, H. **Dialectologia Pluridimensionalis Romanica**. Kiel: Westensee-Verlag, 1996.

_____. Nuevos caminos de la geolinguística románica. Un balance. In: RADTKE, E.; THUN, H. **Neue Wege der Romanischen Geolinguistik**. Kiel: Westensee-Verlag, 1996. p. 25-49

RAJAGOPALAN, K. O conceito de identidade linguística: é chegada a hora de uma reconsideração radical? In: SIGNORINI, Inês (org.). **Língua (gem) e identidade**: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1998, p. 21-46.

SEYFERTH, G. **Nacionalismo e identidade étnica**: a ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do Vale do Itajaí. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982.

SIGNORINI, Inês. **Língua(gem) e identidade**: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas, SP. Mercado de Letras, 2002.

SILVA, T. T. da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos, Dialetológicos e Discursivos - NUPESDD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU
ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 26 • Nov. 2018

_____. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Editora Vozes, p. 73-102, 2011.

SKUTNABB-KANGAS, T. **Bilingualism**. 369p. Lund: Liber Läromedel, 1981.

THUN, H. FORTE, Carlos; ELIZAINCÍN, Adolfo. **El Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU)**. Presentación de un proyecto. Iberoromania, n. 30, p. 26- 62, 1989.

_____. La geolingüística como lingüística variacional general (com ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). In: INTERNATIONAL CONGRESS OF ROMANCE LINGUISTICS AND PHILOLOGY. **Atti del XXI Congresso Internazionale di Lingüística e Filologia Romanza**, 18 e 24 set. 1995. Organização de Giovanni Ruffino. Tübingen: Niemeyer, p. 701-719, 1998.

VIANA, Oliveira. Imigração e Colonização Ontem e Hoje. In: _____. **Ensaio Inéditos**. Campinas: Editora da Unicamp, 1991. (Original publicado em 1943).

Recebido Para Publicação em 30 de outubro de 2018.

Aprovado Para Publicação em 02 de janeiro de 2019.